

26 de julho de 2025
nº7
ano 4

Tatuí - SP

JORNAL

BULI

30º FETESP

FESTIVAL
ESTUDANTIL
DE TEATRO
DO ESTADO
DE SÃO PAULO

tatuí conservatório
de música e teatro





NO FRESCOR DA HORA

6

BICHOS E TALVEZES

MARCUS GROZA

APRECIAÇÃO ESTUDANTES BOLSISTAS

9

REVOLUÇÃO OU REPETIÇÃO

ANA MACHADO

13

FOGO NAS PATAS E VELUDO NAS GARGANTAS

LUCAZ EUSÉBIO

21

CACHORRO LOUCO: EU ESCUTO SUA VOZ E

LATO ALTO

LUCAZ EUSÉBIO

PERFIL

25

**ESCRITA-ESCUA: REFLEXÕES EM CONJUNTO
PARA O 30º FETESP**

MARIA LUIZA QUEIROZ FERREIRA

FERMENTAÇÃO NATURAL

29

**ENTRE CORRENTEZAS E ENXURRADAS: A
CENA QUE SE CONSTRÓI COM O RIO.**

COLETIVO

BANDO 18

33

**TRAVE(CIA) FRESQUINHA: A CENA COMO KIT
DE SOBREVIVÊNCIA**

GRUPO SALA 9

36

PINTURA VIVA EM EBULIÇÃO

CIA FRESQUINHA

41

CORPOS EM CORO CONTRA O APAGAMENTO

GRUPO SETE VERBOS

CHARGES

48

LANÇAMENTO DE LIVROS

GABRIEL

48

MASCARADES

TADEU RENATO

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

49

**CARTA ABERTA A QUEM CONVERSEI OU
ME SENTI VISTA**

YMOIRÁ MICALL

54

**MULTIDÃO-ARTE OU DE ZERO A CEM E
MAIS UM POUCO ALÉM**

JHONNY FURLANETTO

58

110, 115 E 117

BIBI, NATHAN E SASSÁ

AINDA REVERBERA

61

POR VISÕES DO CÁLICE DO TEMPO

GIOVANNA EÇA

63

**CRÍTICA POÉTICA: ME DA TERRA PRA
CARPIR?**

ABESSA RAMOS

67

**UM POEMA EM PROSA PARA O
ESPETÁCULO POR VISÕES**

VINÍCIOS PEIXOTO

68

**SOBRE O ESPETÁCULO O AMOR NA
PRÁTICA É SEMPRE AO CONTRÁRIO**

SARZI

70

**O SILÊNCIO COMO FORMA DE ESCUTA:
SOBRE O ESPETÁCULO POR VISÕES, DA
CIA. PASSO A 2 DE TEATRO**

GABRIELA MOREIRA

72

MAIS UM FETESP DE MUITOS

TIAGO AGUIAR

74

**SOBRE O FETESP, SOBRE APRENDER,
SOBRE TEATRO**

OLÍVIA MAKOWSKI

BASTIDORES

76

FOTOS POR CAMILA FONTENELE

EXPEDIENTE

79



BICHOS E TALVEZES

POR MARCUS GROZA

apreciação para o espetáculo *Cabaré dos Bichos*

O musical *Cabaré dos Bichos*, do Curso de Especialização em Teatro Musical do Conservatório de Tatuí, é vibrante em sua força coletiva, o elenco revela principalmente seu talento vocal e musical. O espetáculo começa com um ritmo bom. As imagens criativas são compostas com elementos simples, que expandem e se conjugam bem com a atuação do elenco. As visualidades se destacam, cenário e figurinos belíssimos.

As partes cantadas me chegaram de modo mais cativante, com uma banda bastante boa. Se há alguns degraus na atuação e no canto, reflexo possivelmente de insegurança, não comprometem a força musical do espetáculo. Do meio em diante, o ritmo se compromete um pouco.

Imitando animais, as composições de trejeitos vocais de atores e atrizes são graciosos e instauram um clima divertido em algumas cenas: um caminho que poderia ser aprofundado. Se a “imitação” vocal resulta como uma força da peça, talvez pudesse ser repensada a corporalidade de alguns momentos em que gestos ilustram o que já está sendo falado. Igualmente, a imitação de gestos animais talvez pudesse tomar um caminho mais estilizado e indireto, ilustrar menos, criar pequenas partituras de gestos que possam, mais do que caracterizar a relação com a espécie imitada, instaurar fluxos de intensidade animal múltiplos. A relação entre movimentação e canto também é algo que merece ser refinado, a potência vocal do elenco decai em algumas canções quando acompanhada de movimentos.

De maneira geral, talvez o espetáculo pudesse ressaltar mais o aspecto satírico que a alegoria nos apresenta: com atuações mais “sujas”, com uma encenação mais agressiva e crítica, não no sentido discursivo, mas na instauração cênica da violência que a própria narrativa pressupõe. Nesse sentido, penso que a atuação talvez pudesse ser mais pautada no “deboche”, o que pode tornar o espetáculo mais divertido e a sátira mais contundente.





REVOLUÇÃO OU REPETIÇÃO

POR ANA MACHADO

**Bolsista de Apreciação Crítica para o
*Cabaré dos Bichos***

Na adaptação ousada de *A revolução dos Bichos*, o grupo do curso de especialização em Teatro Musical, do Conservatório de Tatuí, entrega uma obra intensa de sentimento e de história. *Cabaré dos Bichos* funde a fábula de George Orwell com o universo estético do cabaré alemão e do teatro épico. O resultado parece ser uma experiência cênica ruidosa, muitas vezes opressora — como o próprio tema exige.

Antes mesmo de as luzes se apagarem, sons de fazenda já nos puxam para dentro do universo da peça:

galos, pintinhos, passarinhos anunciam uma granja viva, prestes a explodir em revolta. O ambiente é carregado. Fumaça, escuridão e uma vibração melancólica criam um clima provocador, quase agressivo até, e de grande expectativa. Um palco lotado de elementos – banda ao vivo, figurinos excessivos e corpos que não saem de cena nem mesmo nos momentos em que não são o foco, permanecendo nos cantos do palco, assistindo às cenas uns dos outros. Tudo grita. E é esse grito coletivo que molda o caos: um caos técnico, cênico e político.

Os animais da granja se rebelam contra o dono humano para criar uma sociedade igualitária. Mas, à medida que os porcos assumem o poder, passam a repetir – e até intensificar – os abusos anteriores. A dramaturgia acompanha essa curva de corrupção e manipulação com uma clareza cruel. Frases como “*a história é escrita por quem tem mais poder*” ou “*eu não tenho provas, mas tenho convicção*” soam como ecos reconhecíveis demais – principalmente para um público acostumado a ler as entrelinhas do Brasil contemporâneo. Revivemos interiormente atos de manipulação e mentiras presentes em acontecimentos políticos, onde certas falas conduzem, de forma passiva-agressiva, ao autoritarismo sutil – e, quando percebemos, já estamos rendidos.

Borra-se os limites entre homem e bicho, de instinto e razão. “*Estar livre das influências humanas ainda é ter influências humanas*”. A coexistência é ilusória. A animalidade nos corpos e os personagens exagerados e muito bem caracterizados tornam-se visões distorcidas daquilo que inicialmente combatiam. Será mesmo que o resultado do “trabalho árduo” vai para os trabalhadores? É possível estar livre da influência

humana mesmo na busca de liberdade? O público cai de paraquedas nas questões apresentadas de modo incisivo, sem parar para respirar, num ritmo contínuo que ecoa o esgotamento da própria classe trabalhadora. A crítica não está apenas nos porcos, mas no sistema que os permite existir — sejam eles porcos ou humanos. “Temer os porcos ou os humanos” se ambos são mais parecidos do que nunca?

O grupo lidera com tamanha força vocal a intensidade dessa peça e as problemáticas que ela carrega. Mas, por conta dessa força, sentimos também quando ela se perde nos diálogos ou em seus corpos. Sendo assim, o resgate do público nas músicas em si é muito mais evidente do que em certas passagens narrativas, o que torna a mensagem final — a da nossa própria posição enquanto espectadores e agentes sociais — com menos impacto, mesmo que estejamos capturados pela beleza da harmonia do coral de vozes.

No final, *Cabaré dos Bichos* nos deixa com mais perguntas do que respostas. “*Lutamos, mesmo que nos custe a vida*”, dizem, mas lutam sem ferir o próximo. Essa contradição ecoa a fragilidade de qualquer revolução que tenta se manter pura dentro de um sistema contaminado. A nossa realidade sempre foi a correta ou ela precisou existir dessa forma? Será que a gente realmente se lembra de algo do passado que contradiga nossas ações do presente? Seremos nós os porcos? Humanos? Uma mescla que transforma e destransforma, em busca de sua sobrevivência? Talvez sejamos apenas o reflexo do que dizem pontualmente na peça: “*instinto quase extinto, coberto pelo mundo da razão*” — uma razão que justifica, reorganiza, domina e, no fim, também nos domestica.

FOTOS JOÃO MARIA





CACHORRO LOUCO: EU ESCU TO SUA VOZ E LATO ALTO

POR LUCAZ EUSÉBIO

Bolsista de Apreciação Crítica para o espetáculo *Óbvio, axiomático: A performance*, dentro do festival Cachorro Louco.

Começo a sentir a cidade.

O tempo não é a primeira coisa que percebo de diferente, mas é quando chego na conclusão “o tempo aqui é outro”, - coisa que parece óbvia, afinal cada

canto e cada pessoa tem seu ritmo próprio; mas imersos em nossa rotina, naturalizamos um tempo massificado. É só quando chego nessa afirmação que encontro contorno para um bocado de outras diferenças que percebo.

Aqui, andando pela cidade de Tatuí, sou diferente seja por ser visto como diferenciado ou por ver os outros como diferentes.

Interior.

Dentro do Conservatório, recebido pelos colegas do FETESP, me sinto por muitos querido, vereador bem quisto, um amigo. Dentre alguns, eu mesmo. Dentre muitas idiossincrasias, pertencente.

Já nas ruas, volto um pouco à categoria do outro, do diferente, do estrangeiro.

E isso não só porque moro em outra cidade, ou por conta do preconceito que as pessoas carregam dos grupos sociais que faço parte como homem trans e negro. Mas, sobretudo, porque sou do teatro.

Quem é do teatro é muitas vezes estrangeiro em seu próprio país, pária entre os seus, diferente em sua própria família. E andando pela cidade, estando no comércio e assuntando nos entornos da praça da Matriz, onde logo haverá um ACONTECIMENTO – toca o sino da igreja, a menina diz “três horas” - percebo que há algo aqui em Tatuí que não é muito diferente de outros lugares do Brasil: pouquíssimas pessoas trabalhadoras, principalmente de baixa renda, frequentam o teatro, e mesmo quando existe uma

escola consolidada na cidade, muitas não sabem de sua existência.

E é por esse motivo que a escolha da Cia. Maniatar e do Festival Cachorro Louco em apresentar Óbvio, axiomático: A performance, no dia 19/07/25, na praça da Matriz, é tão importante.

“Como é fazer teatro no interior?” O professor João Fabbro me deixou com essa pergunta quando estávamos nos preparando para esse estágio em apreciação crítica. Não faço ideia de como é fazer teatro no interior! Minha experiência com teatro no interior até então tinha sido: não é possível fazer, pelo menos não de forma profissional. Eu fui alguém que precisou sair de sua cidade para que fosse possível estudar e trabalhar com teatro. Nasci em Cruzeiro, interior de São Paulo, e na minha cidade só conheci uma pessoa de teatro, que por ser ator, era também, professor, diretor, produtor, tudo de maneira independente. E que mesmo tendo outra profissão que mantinha sua subsistência, conduzia as crianças em pequenas apresentações nas datas comemorativas da cidade, por pura volição.

Pedro, que até seu sobrenome desconheço, era uma daquelas flores que brotam onde só há folhas. O diferente, que brilha no sol. Sou dessa linhagem. Dos que não se identificando nos espaços, dizem: é aqui sim que irei cultivar minha semente, ainda que eu não a veja eclodir. Assim é como sinto o Festival Cachorro Louco: estudantes que não podendo mostrar seus trabalhos no FETESP, festival oficial do Conservatório, se articularam para, nas brechas, nos vãos, FAZEREM sua história também na cidade. E não poderia ser mais

frutífero, no meio da Encruzilhada, na praça da Matriz, ponto de encontro importante da cidade, escolheram a curva para riscar o ponto de suas presenças.

Se o começo oficial é aqui, vamos abrir os caminhos antes ainda! E pelo chamado das ruas, reconhecendo ali outros diferentes, senti o chamado de não só assistir, mas de experienciar o que eles propuseram e registrar um pouco do que vi e seus atravessamentos.

Foi mais ou menos assim:

Meia dúzia de jovens artistas descem com uma mesa dobrável de madeira, algumas sacolas e uma grande faixa que ainda não sei o que tem escrito — protejo o segredo até de mim. Na praça, tambores do cortejo que virá a seguir já estão espalhados. Depois de um tempo, uma piscina. Pequena, versão discreta de uma piscina de mil litros, daquelas azuis. O sol está forte. Crianças correm pela praça, adultos tomam sorvete, trabalhadores no entorno, barraca de açaí, pipoca, carrinhos estilizados para os pais alugarem e as crianças rodarem... e o maluco do artesanato — outro diferente, que me cumprimenta. E entre as bolhas de sabão voando, percebo que já começaram a montar o seu cenário, mesa, cadeira, piscina. O que será que vai ser feito dessa piscina? Será que isso é do FETESP ou do Cachorro Louco? De algum profeta urbano que fará um batismo? Na rua as autorias se borram, o acontecimento é sempre espiralar. O sábado já é o próprio acontecimento, que permite essas encruzilhadas. Descanso? Festa? Casamento? Performance? Cortejo? Teatro? Toca o sino mais uma vez.

4 e 20 foi o horário escolhido pelo festival para come-

çar a cachorrada. Sugestivo. A praça começa a ser ocupada pela galera do FETESP. O cavalo de Dionísio vai passar, com várias estrelas de Exu no peito. A quantidade de ruas que cortam a praça são muitas e ainda não consegui contar, mais de sete.

Uma caixa de som: aparelhagem de madeira está tocando um funk. Algo vai se anunciando.

Três corpos, com roupa de banho, começam a circular. De frente ao coreto de concreto da praça estão dispostos: a piscina no centro, de um lado a mesa de madeira e uma cadeira; do outro, um rolo de papel craft. Os corpos dançam, ainda de modo que parece aleatório. O público disperso está espalhado, duas pessoas que me parecem figurinadas: uma vestindo preto e vermelho que me evoca uma pomba gira com brincos de pena; e outra, com um vestido com babados rosa e azul, cabelo estilizado e um óculos juliete, princesa no corpo de malandro. São para mim ainda um mistério: entrarão em cena? Logo vamos descobrir que não são apoio, uma produção que não se furta a deixar também sua marca, "diferente". As ações começam a ficar mais intensas, e isso vai movendo as pessoas: um público vai se formando concretamente.

Alguém entra na piscina, alguém começa a se relacionar com a mesa e isso vai aguçando a curiosidade, "quero chegar mais perto" (para entender?) — quero ver! E assim os corpos parecem começar a querer me dizer algo, as palavras até agora não chegaram em voz, é o corpo que vai dizendo: a palavra em pé. O conjunto de ações seguem, mais rápido. Na piscina, água e sabão esfregam o corpo, mesa cadeira, ca-

deira mesa - e na minha cabeça, Stella do Patrocínio começa a sussurrar. A outra pessoa, a terceira, com o papel craft, começa a esticar as folhas em torno das outras materialidades e passa a escrever: a palavra deitada.

Mas é só quando a palavra-som aparece que o público sente a convocação. Da aparelhagem começa a sair as vozes dos performers. Frases ainda não reconhecíveis passam a vibrar, e a necessidade de ouvir faz o movimento dos interlocutores acontecer: "preciso ouvir". Chegam mais perto e a magia do "teatro de rua", "performance em espaço aberto" (como chamar?) se faz. Uma roda é formada em torno dos performers, mais gente vai chegando para entender, ver, sentir, curiar. E assim o entorno vai também compondo. Um homem, que não assiste à performance, passa longe, com seu chapéu de couro, entra na matriz e depois sai compondo com a paisagem. A bênção do boiadeiro foi dada, condizente com a cena que continuamos a sentir e viver ali.

As palavras-sons falam de memória, negritude, mulheridade? Morte e apagamento. O peso da mesa vai afogando a mulher negra que tenta caber no incabível. O sabão que o homem esfrega em seu corpo dentro da piscina, em movimentos rápidos que desesperam. O papel craft que esconde as palavras da mulher negra que busca dizer algo que traz dificuldade na leitura. Digo homem e mulher e negro, mas também penso, homem? mulher? negro? pardo? Não sei. Os corpos em cena talvez estejam pedindo, com o recurso da voz off, que os vejamos de um modo mais amplo do que a sociedade faz. Há muitas incógnitas no que tange o visto. E há muita beleza nisso.

Ao final, as três pessoas diluem as separações na água da piscina, limpam o pardo e dentro da micro-piscininha se abraçam, se acolhem e deixam que nós absorvamos um pouco mais das palavras-som. Eu não pude, aqui, trazê-las enquanto concretude "dizem isso ou dizem aquilo", mas pude tocar em suas forças. Uma dramaturgia profunda, que me parece falar de uma narratividade corpo-tela, aqui me valendo de um conceito de Leda Maria Martins, que tenta dar conta do que conceitos eurocêntricos não dão. O corpo-tela expande o corpo e a história escravocrata e normativa. Uma dramaturgia de sensações, cheiro, sabores, vivências.

Fiquei pensando e jogo para o grupo: a rua foi o espaço pensado desde o início para essa ação (que sei ser um fragmento de peça) desde o início? Se sim como potencializá-la para tal? Se não, como não perder o que foi conquistado ali nesse espaço?

Na minha percepção e identificação, penso que foi louvável e positivo que a coisa tenha se dado conforme foi, à esquerda, um pouco à margem, já que o grupo não foi contemplado pelo edital do FETESP e isso movimentou que fosse feito como programação paralela. Até dentro do pertencimento os diferentes eclodem e é de onde brota a diversidade necessária, sempre, um pouco mais.

E assim foi que no dia 19 de julho de 2025 as árvores antigas da praça da Matriz, guardiãs daquele espaço viram a ancestralidade sendo cultuada. Que um patinho amarelo, branco, pardo, negro e de tantas outras matizes e formas possam sempre surgir nas ruas, nas praças, nos museus e nas escolas de teatro. Vida

APRECIÇÃO ESTUDANTES BOLSISTAS

longa à Cia. Maniatar, ao Festival Cachorro Louco, ao FESTEPE e à arte independente! Axé para nós, arautos da diversidade, das palavras em pé ou deitadas, e gratidão sempre às encruzilhadas. Laroyê Exu, Xetuá aos Boiadeiros e saudações ao povo cigano. Avante!





FOGO NAS PATAS E VELUDO NAS GARGANTAS

POR LUCAZ EUSÉBIO

Bolsista de Apreciação Crítica para o espetáculo *Cabaré dos bichos*, do curso de especialização em teatro musical do Conservatório de Tatuí.

Fechando a programação da 30ª edição do Festival Estudantil de Teatro do Estado de São Paulo — FETESP —, do Conservatório de Tatuí, assistimos ao *Cabaré dos Bichos*, no Teatro Procópio Ferreira.

Adaptação musical da fábula política de George Orwell, *A Revolução dos Bichos*, feita pela turma do primeiro ano do curso de especialização em teatro

musical do Conservatório de Tatuí, o estudo tem direção de Zé Henrique de Paula e trilha sonora original de Fernanda Maia. A encenação aposta na estética dos cabarés alemães e nas estratégias do teatro épico, em que um narrador conversa com a plateia, costurando a fábula. A montagem escancara o ciclo vicioso do poder, encarnado nos porcos que, ao ascenderem à liderança da granja, rapidamente passam de libertadores a tiranos.

Cabaré dos Bichos propõe uma cenografia ousada, com praticáveis e paletes de madeira que brincam com níveis, e uma bateria em cena, tentando dar conta de uma história complexa. Vem com figurinos glamourosos que encham os olhos: muito brilho, perucas, sapatos os mais diversos — pensados para cada categoria de animal ali representado. A caracterização é, com certeza, um ponto fortíssimo do espetáculo.

Com atuações admiráveis, é nos momentos em que constroem imagens em coro e nos solos musicais que a turma vai apresentando alguns diamantes a serem lapidados.

Deixo uma provocação referente às presenças. Na proposta que a peça traz — de os atores ficarem praticamente todo o espetáculo em cena, às vistas do público, mesmo quando não são foco da ação —, exige-se uma concentração grande do corpo de atuantes, que precisa se convocar constantemente para não cair num corpo cotidiano e sem tónus.

A construção das figuras — que são animais, mas não carregam na caracterização marcas óbvias de que

o são — pede recursos mais marcantes, para evitar confusão e dúvida no público.

Em relação à dramaturgia, acredito que a quantidade de estímulos — já que a história vem de um material literário — tenha oferecido dificuldades na hora de escolher o que manter da obra transposta ao teatro. Como dar mais ritmo às cenas com diálogos mais longos?

No mais, um elenco afinadíssimo, que, quando começa a cantar, desperta a vontade de que não pare até o final do espetáculo. Atores e atrizes com fogo nas patas, vozes que são um pomar, com frutas diversas — e que, juntas, alimentam multidões.

Estou ansioso para acompanhar o desenvolvimento da turma, porque, se o primeiro espetáculo teve essa potência, que venham muitos outros mais!

FOTO JOÃO MARIA



FOTO CAMILA FONTENELE





ESCRITA-ESCUITA: REFLEXÕES EM CONJUNTO PARA O 30º FETESP

POR MARIA LUIZA QUEIROZ FREIRE

Estudante do 2º ano do curso de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí e bolsista ofício da Revista BULI no ano de 2025; e João Fabbro, professor do Conservatório de Tatuí.

João: Por onde começar? Não sei. Nunca sabemos. Vamos começando e o texto vai saindo... Talvez assim também seja um festival, um processo artístico, um viver. Tudo vai sendo feito na medida em que va-

mos seguindo... Quero aqui, neste texto, começar uma reflexão oriunda de algo que já começou. Começou, de fato, há sete dias, no início do festival. Mas também começou muito antes, quando o festival foi pensado, quando essa lógica foi arquitetada para que, assim como uma reação química, algo pudesse acontecer ao longo destes sete dias de festival.

Nesse caso específico, para essa seção, começamos a pensar nessa reflexão-escrita-escuta, à partir dos encontros. É importante pensarmos que a ideia, sempre foi o encontro. O texto é um prolongamento do encontro. Uma derivação dos contatos. Ao longo de sete dias, Maria Luiza, estudante do 2º ano de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí, se encontrou com Marlon, Mayra, Maria Alice, Patricia Any, Sofia, Anáí, Rafaela, Flora, Ana Paula e José Renato. Maria conversou com essas pessoas, não entrevistou, CONVERSOU, buscando estabelecer num curto espaço de tempo – após os espetáculos – uma relação que pudesse nos dar pistas das impressões e de como cada uma dessas pessoas viu o espetáculo que foi apresentado. Na sequência, um texto da Maria sobre essas reflexões.

Maria Luiza: Nesse fim de Festival, cabe uma reflexão daquilo que foi escutado ao longo dos dias. As pessoas que cederam não apenas seu tempo, mas também suas palavras, que nos foram muito caras. Cada espetáculo trouxe diferentes facetas de cada um, cada uma, suas individualidades, dores, medos, e também seus sonhos. Fazer essas matérias não era sobre reescrever aquilo que me diziam, mas escrever criando a partir daquilo que me atravessou, a partir das palavras-ditas. Por esse motivo, talvez aqueles e aquelas que deram tempos e palavras, podem não ter

lido suas ideias ao pé-da-letra aqui no jornal.

Farei um breve relato de alguns momentos que me marcaram durante a última semana.

Na conversa com Flora, pedi para que ela me dissesse as ideias que vieram durante a peça, sobre a individualidade dela, pois, ao assistir uma peça eu costumo imaginar cenas da minha vida, sejam inventadas ou reais, que a história me suscita. Perguntei se ela fazia o mesmo. Ela riu, e disse que sempre refletia sobre sua vida quando estava no teatro. Naquele momento, estabelecemos uma conexão. E nossa conversa fluiu como velhas amigas.


Ao conversar com José Renato, ficamos um perguntando ao outro o que seria de nós no futuro? O que faríamos de nossa vida? Um questionando o outro, beirando a provocação. Senti que poderíamos falar por horas.

Por outro lado, estive com pessoas que pareciam querer que o tempo se acelerasse durante a conversa. Tinham medo que a conversa durasse demais. Acho que tinham receio do que seria escrito sobre elas. Esses receios não foram ignorados, e de alguma forma, suscitaram a escrita. Esses textos, repito, não são entrevistas que transcrevem as ideias e opiniões das pessoas, mas também não deixam de ser. Esses textos são confluências entre: as histórias dos espetáculos; as palavras das pessoas que conversaram comigo; a minha individualidade; o tempo e o espaço que comungamos enquanto trocávamos.

Criar em volta das entrevistas foi um grande desafio,

PERFIL

visto que era necessário criar, mas também permitir que as ideias das pessoas fossem mantidas. Penso que talvez não tenha conseguido em alguns momentos, por isso, agradeço a generosidade de cada um e cada uma, por permitir que os ouvissem e utilizassem suas palavras. Considero que, de muitas formas, todas estas pessoas estão presentes. Espero ter feito o melhor com aquilo que me foi dado.



ENTRE CORRENTEZAS E ENXURRADAS: A CENA QUE SE CONSTRÓI COM O RIO.

Coletivo Bando 18 aprecia o espetáculo-performance *MANDUKA: Às margens*, do Grupo Sala 9, a partir do painel de intercâmbio entre grupos estudantis e VQV.

O espetáculo-performance *MANDUKA: Às Margens*, do Grupo Sala 9 (que ocorreu no dia 23 de julho, na unidade 3 do Conservatório de Tatuí) nos guia pelas histórias de pessoas que habitam o território

às margens do rio Manduka, na cidade de Tatuí, e como se relacionam entre si. Os aspectos característicos do rio são disparadores que reverberam no desenvolvimento das materialidades, sons, imagens, prosódia e corporeidade, que, a partir da sinestesia, nos conduzem à narrativa — assim como a fluência da água.

A linguagem nos faz mergulhar não apenas no cotidiano retratado, mas também na performance, que, para além da cena, fez parte da pesquisa do grupo, como é possível observar em seus registros — por exemplo, a imagem de uma das pessoas do coletivo sentada na praça, com o figurino, ao lado de um cidadão comum.

A simbologia dos figurinos, ao longo do espetáculo, transita de um reconhecimento visual para um sensorial, de maneira maximalista e expurgatória. A troca deles remete a quebras tanto de estado quanto de fluência das cenas — e como isso é interessante ao se pensar no caimento e em como ele dialoga de forma explícita com o tema retratado no espetáculo. Por meio dessas vestimentas, vemos que a moda e a passarela estão presentes em um viés político, no sentido de uma possível representação da indústria *fast fashion* — e como esse desfile vai, aos poucos, se transformando em uma enxurrada.

A fluidez das vozes-água dos atuantes é mais um dos elementos que remetem aos movimentos da correnteza. É admirável o estudo vocal e a escolha desse recurso que, feito com tanta potência, fortalece o trabalho do grupo. A luz e o som dialogam com os corpos em cena, que parecem pulsar na mesma

FERMENTAÇÃO NATURAL

frequência em determinados momentos.

O cenário é construído conforme a história avança, o que torna a experiência de assistir mais dinâmica, gerando curiosidade no público ao vê-lo se transformar. Diante dos nossos pés, sentimos o rio encher, transbordar, se levantar, se revoltar — e ser invadido pelo lixo.

Ao Grupo Sala 9, desejamos que o rio de criação de vocês flua por muitos territórios, levando imagens e levantando histórias submersas.

FOTOS CAMILA FONTENELE





TRAVE(CIA) FRESQUINHA: A CENA COMO KIT DE SOBREVIVÊNCIA

Grupo Sala 9 aprecia o espetáculo *Azimute*, da Cia Fresquinha, a partir do painel de intercâmbio entre grupos estudantis e VQV.

“Você sabe pra que lado fica o sul?”, somos indagados numa noite de quinta-feira, no jardim da sede do Conservatório, antes de assistir as atuantes corajosamente serem alvejadas de água num frio que lembra o oceano atlântico. No dia 24 de Julho de 2025, na trigésima edição deste festival, a Cia Fresquinha, da UNICAMP, nos convida a uma viagem tão perigosa que os atuantes tiveram que separar um kit de sobre-

vivência próprio. Cartas de tarô, lanternas, lâminas de barbear, skate, remédios, escovas de dente, isqueiros, máscaras de gás. Antes mesmo de sentarmos em nossas poltronas dentro do Teatro Procópio Ferreira, inspecionamos as pochetes e malas que os viajantes levaram para tentar sobreviver: às suas próprias buscas? À jornada? À graduação? Utilizando-se do relato do navegador brasileiro Amyr Klink em seu livro *100 dias entre o céu e o mar* e também dos escritos de sua filha, Tâmara Klink, chamado *Mil Milhas*, o material poético se comporta enquanto bússola “suleadora”, mas que não se limita em si mesmo; os diários de bordo de pai e filha navegantes se desdobram em outras questões para além das páginas dos livros, respinga em suas angústias e anseios.

Assistir ao trabalho *Azimute* da Cia. Fresquinha é assistir uma busca incessante pela cena. São atuantes comprometidas primeiro com a cena, com o público e com o jogo; é uma busca pela reinvenção de narrativa dentro desse seminário cênico. Mesmo tendo um material poético literário, a montagem não se limita ou se guia pela literatura, mas usa dela para criar suas narrativas. Pensando que a narrativa não está apenas no verbo, mas também na imagem e na forma, o elenco exhibe na peça suas individualidades, suas vontades, suas buscas pessoais e coletivas com profundidade e frescor, fazendo jus ao nome da companhia. *Azimute* é imprevisível, nos deixa com o olhar atento e a base firme para levar uma rasteira a qualquer momento, nos perguntando: “O que é que vem depois? Qual o próximo malabarismo-manobra-artimanha que elas vão criar?”

Somos seguradas pela mão desde o primeiro momento, de maneira divertida, cheia de graça e ca-

risma e não nos soltam até o final. É uma grande demonstração de loucura, liberdade e insanidade cuja dramaturgia consegue se fazer entender e amarrar todas as histórias.

“Azimute: direção horizontal de um ponto em relação a outro, geralmente medido em graus a partir do norte, no sentido horário.”

É por esse vetor invisível que seguimos em travessia do jardim ao palco, do palco à plateia, entre o que se diz e o que se vê. Cada travessia é compartilhada. No Teatro Procópio Ferreira, ancoramos, há sempre um azimute nos guiando: feito de vozes, de perguntas, de potências que se revelam no percurso.

O espetáculo de formatura da Cia Fresquinha revela, nas sutilezas, os receios de iniciar uma travessia e o silêncio de uma viagem longa e solitária. O trajeto é todo exposto em cena, no preço que se paga por sair do porto, em todos os tipos de ondas que se apresentam deseducadamente ao navegante e na ansiedade de pisar em terra firme. Mas a chegada não é o objetivo principal. Na efemeridade do teatro, o "durante" se apresenta como água salgada que escorre por entre os dedos. Aqui, ressaltamos o transbordar que é ver em cena um coletivo majoritariamente feminino e toda a leveza do humor dessas atuantes. Como apreciadores deste trabalho e também formandos de um curso de artes cênicas, existe uma identificação com as perguntas que a dramaturgia levanta. Sentimos um enorme "e agora?" que é normal desse chegar no fim da viagem. O jeito é iniciar outra viagem? Tirar um ano sabático? Passar um tempo com a filha? Como encontrar o sul?

Gratidão, *Azimuth*, por fornecer uma técnica de leitura de um caminho possível. Gratidão por cuidar desse público-viajante que chega sem kit de sobrevivência. Que nossos caminhos de Rio e de Oceano continuem confluindo pelos festivais.





PINTURA VIVA EM EBULIÇÃO

Cia Fresquinha aprecia o espetáculo *Sete Verbos Para Manter Corpo Viva*, do Grupo Sete Verbos, a partir do painel de intercâmbio entre grupos estudantis e VQV.

- Sobre o acontecimento:

Evocar, encantar, nascer, ser, desfigurar, enfrentar, transfigurar - são os verbos escolhidos pelo grupo Sete Verbos para estruturar a peça *Sete Verbos Para*

Manter Corpo Viva, que assistimos na quarta-feira, dia 23 de julho de 2025, no Teatro Procópio Ferreira.

Em cena, vemos vinte corpos dispostos pelo espaço, realizando ações que se espalham ao longo da peça, como pequenas prévias do que virá durante o trabalho. Os verbos são projetados ao fundo do palco, anunciando as cenas. Cacofonia, sons de gritos, sons de instrumentos, sons dos próprios corpos pisando naquele espaço, ebulição, fogo. Cem minutos de uma vibração que gera calor, gera energia e explode em cena.

Num momento em que muito se vive a individualidade e a crise do coletivo, *Sete Verbos Para Manter Corpo Viva* atravessa o público pela força de sua pluralidade. O grupo contorna todo o contexto de TCC universitário pós-pandêmico, com alunos acumulados e falta de estrutura, transformando em potencialidade a fragmentação, a serviço de uma única peça. Com figurinos e cenografia compostos por retalhos, a visualidade da peça reflete a forma fragmentada como ela se apresenta.

Qual será o fio que costura esses retalhos?

- Sobre o corpo e o som:

A cada verbo, o acontecimento cênico invoca uma nova pintura viva. O tônus está diretamente ligado a acreditar no que é construído e desejar essa construção. As partituras das movimentações, os coros, os gritos, a qualidade ritual e as sonoridades se destacam, evocando em cena essa grande alcateia. A potência se encontra em tudo aquilo que “trans-

borda” desses corpos. Como relatado pelo próprio grupo, “transbordou” também a necessidade de criar uma relação com os instrumentos que aparecem no espetáculo, para investigar a descoberta do corpo de atuante enquanto instrumentista da cena. Uma pesquisa da exploração dos instrumentos enquanto sonoridade, do movimento em cena enquanto música, e da música enquanto fio condutor da cena. Uma reflexão que surgiu para nós foi: como se conectar com os instrumentos desvendando uma linguagem outra, para assim estruturar um corpo cênico-musical, ou seja, revelar essa descoberta enquanto acontece?

A palavra é capaz de dar conta de tudo?

- Sobre as palavras:

Em um grupo que inicialmente se estrutura com 39 pessoas, tentando abranger todas as urgências, de todos os corpos que habitam esse coletivo e se reconfigura em 20 pessoas, será que a palavra também não pode se reconfigurar? Quais temas persistem? O que essas 20 pessoas que ficaram tiram desses sete verbos? O que a peça instaura enquanto experiência estética é muito potente, muito mais do que o entendimento racional do que está acontecendo. As coisas pairam mais na camada do sentido do que da lógica. Em muitos momentos, já está instaurada uma atmosfera que diz muito, mesmo que nada tenha sido falado, e nesse sentido o grupo pode confiar no entendimento do público sobre o não-dito. Uma provocação que fica: será que o entendimento é necessário? Ao mesmo tempo – nessa ebulição de corpos – dois momentos se destacam em que o dito é o protagonista. O primeiro, provocado pelo verbo

FERMENTAÇÃO NATURAL

ENFRENTAR, temos a cortina fechada, um microfone, um banco, um proscênio, uma atriz e a palavra. Palavra amplificada, ritmada e transformada, que ocupa o palco com a força de mil corpos. O segundo, se desloca para o meio da plateia, com nomes de pessoas trans que são proclamados e celebrados diante do público. São momentos que a palavra dá conta de si.

Que o grupo siga caminhos generosos e mantenham esse corpo viva por muitos outros palcos, atravessando muitas plateias, com toda sua potência!

FOTOS CAMILA FONTENELE





CORPOS EM CORO CONTRA O APAGAMENTO

Grupo Sete Verbos aprecia o espetáculo *Vazio Agudo: uma utopia poluída*, do Coletivo Bando 18, a partir do painel de intercâmbio entre grupos estudantis e VQV.

Carta aberta ao Jornal Buli.

Anossa carta é feita da mesma matéria da qual foi feita a obra que nos trouxe até aqui; apresentamos nossa apreciação crítica como fragmentos individuais costurados em prol a um discurso uno a representar o nosso todo. Há trechos que podem passar despercebidos, outros talvez repetitivos e, juntos, quem sabe, provoquem um tornado. É que somos muitos e esse é o nosso sumo.

Na 30ª edição do FETESP, o Coletivo Bando Dezoito, proveniente de diversas escolas e universidades públicas da capital de São Paulo, apresentou *Vazio Agudo: uma utopia poluída* na E.E Professor Ary de Almeida Sinisgalli e no Centro Cultural de Tatuí, nos dias 22 e 24 de julho de 2025.

Depois de assistir à tantas apresentações ao longo da semana, nos familiarizamos com os áudios tocados ao início de cada espetáculo. Na apresentação do Centro Cultural, porém, o público é imerso em outro universo, com um remix da trilha de avisos do Festival: em *Vazio Agudo: uma utopia poluída*, outra trilha ecoa, costurada ao tecido do Bando Dezoito, próxima à identidade sonora do grupo e do universo apresentado na peça. O time da sonoplastia circunda a discotecagem, o que traz dinamismo à cena, integra elementos, cria paisagens e explora outras disposições entre atuação e equipe técnica.

A cena convoca a temática das mazelas de se viver na cidade de São Paulo, intensificadas por recortes de classe, raça e origem. Escolher falar sobre São Paulo é escolher falar do que se vive. Do que se sente, sentiu e nasceu sentindo. É a escolha de colocar para fora, como movimento, cênico as agonias.

O espetáculo traz um teor pedagógico ao questionar o apagamento da história da cidade. A dramaturgia passa pela origem indígena dos nomes de bairros paulistanos e pelas verdadeiras histórias dos monumentos expostos por toda a metrópole. No entanto, a obra como um todo traz leveza no enfrentamento, em contraponto à dureza e à desesperança trazidas pelo texto falado. *Vazio Agudo: uma utopia poluída*

propõe uma resposta ao apagamento histórico e à destruição dos sonhos no cotidiano por meio da corporalidade e das composições coreográficas realizadas pelas atrizes. Na cena, vemos um trabalho que perpassa as origens não como um lugar fixo, mas como uma ponte para se chegar até aqui. São Paulo é o meio disso. É o encontro e o desencontro. A delicadeza no brutal de uma cidade nos remete a evocar sensibilidades adormecidas por debaixo de uma terra de um território não demarcado; SP é terra indígena, mas não adormecida.

Sustentando a leveza que permeia o trabalho, estão os elementos visuais da apresentação, sutis e simples, propondo surpresa e contraposição. Quando uma cidade tão enorme, seja pela área geográfica, pelos prédios imensos ou pela onipresença no capitalismo brasileiro, é assunto de mídias audiovisuais, é comum a visualidade tentar retratar a imensidão do ambiente. Os caixotes utilizados no espetáculo, em outra via, são pequenos e simples, utilizados em coreografias rítmicas, desenhando belos movimentos ondulados e fluidos, como na materialização de mesas e cadeiras. O contraste da relativa pequenez dos caixotes, quando comparados à titânica capital paulista, em adição aos movimentos certos, sonoros e harmônicos do elenco, serviram para deixar esta materialidade tão presente e imposta quanto os maiores prédios da cidade.

Ao assistir ao espetáculo duas vezes (a primeira em uma escola e a segunda em um teatro), pudemos observar que as sensações e compreensão dos signos se dão de formas distintas. A potência da palavra é muito maior quando apresentada em um ambiente escolar, já que o teor histórico da cidade de São

Paulo se faz presente durante todo o espetáculo. A disposição do espaço em uma escola é também mais intimista, aproxima e prende o público quando as atrizes mencionam vivências de seus familiares na grande cidade, mesmo que a plateia não tenha experienciado aquilo de fato.

Por outro lado, a iluminação da qual sentimos falta na apresentação do espaço escolar, aparece com a devida importância no palco teatral. Portanto, os dois ambientes proporcionam leituras distintas e ao apresentar no teatro, a experiência continua sendo válida, mesmo que exista uma perda parcial de alguns signos que ganham outra espetacularidade.

Neste espetáculo, a linguagem não está restrita ao texto falado. A dramaturgia se constrói também pelo gesto, pela presença, pelo silêncio e pela fisicalidade de mulheres em cena. O elenco, majoritariamente composto por atrizes negras, questiona não apenas o que se diz, mas quem diz, como diz e com qual corpo se diz. A cena em que depoimentos ganham protagonismo por meio da reprodução de áudios chama atenção e soa como um ponto crucial da peça. Os relatos colhidos trazem personalidades que agregam ao sentido do espetáculo. Dessa forma, é possível aproximar mais a peça do público que o assiste, inclusive de pessoas que não fazem teatro e mesmo assim compartilham de muitas vivências relatadas, apesar dos diferentes territórios que ocupam.

A gestualidade e composição dos movimentos em coro contribuem para a construção de empatia e compreensão do espaço e relações. Em outras palavras, as partituras gestuais ilustram sensações e

pintam o cotidiano como objeto característico da territorialidade abordada.

Já no início, os figurinos fazem imaginar que um coro em dança acontecerá, mas a peça provoca o desejo de se assistir a mais pessoas do Bando 18 na dança e nas outras expressões culturais apresentadas pelo grupo. Ao mesmo tempo, a cena coreográfica composta é possível justamente pelas batidas em caixotes realizadas por quem não dança. Será que é possível — e da vontade do elenco — que se mantenha a percussão ao vivo, mas que também seja promovido um bando maior de pessoas em um mesmo passo?

A simbologia de representatividades falhas vem como potência narrativa, em específico na relação do monumento da Mãe Preta, ao abrir questionamentos que continuam ecoando — e ainda bem. A estátua do Largo do Paissandu, símbolo que durante séculos ocupou lugar de reverência e idealização, é trazida ao palco não para ser celebrada, mas para ser interrogada. Ela é importante? Mas para quem? O que ela comunica e o que ela silencia? O que se ganha e o que se perde ao transformar uma mulher negra em monumento? A dramaturgia se propõe a problematizar esse imaginário negativo que eterniza a mulher negra como figura materna, sempre doadora, acolhedora, silenciosa e forte. Essa imagem idealizada, moldada por perspectivas brancas, sufoca e anula a verdadeira realidade da mulher negra. Apaga sua subjetividade, nega seus desejos, silencia sua dor e desumaniza sua existência. A "mãe negra" é romantizada como apoio emocional do país, mas na prática, carrega o fardo de ser o corpo mais exigido, mais ferido e o menos ouvido.

É importante ressaltar que as artistas construíram e pensaram uma tecnologia que possibilitou que uma das atrizes (cega) conseguisse atuar de maneira mais segura dentro do espetáculo. Esse caminho, por si só, já nos coloca de volta a São Paulo. É preciso sempre estar reinventando a vida para que ela seja um pouco melhor e mais acessível. É o verdadeiro, é nós por nós. Uma tecnologia de resgate ancestral de sobrevivência, de escuta e de sensibilidade. Portanto, é nítido e notório que existe um trabalho de acessibilidade com relação à atuante Ana Mikley Vinturini no espetáculo, não apenas pelo que assistimos, mas também por termos testemunhado os relatos da artista e de sua parceira Nena nas mediações sobre o desenvolvimento da audiodescrição. Mesmo assim, há momentos em que o corpo de Ana apresenta particularidades de movimentação que a fazem destoar do coletivo e pensamos que tais particularidades poderiam ser agregadas como partituras ou códigos do corpo em coro. Isto é, quando o grupo tem ações corais como a de formar uma fila para caminhar para frente, vejo que Ana estende os braços para encostar em duas outras atrizes e se guiar na caminhada, o que se destaca na composição cênica, porque as outras atuantes não fazem o mesmo, caminhando com os braços ao longo dos próprios corpos, guiadas pelo campo de visão. Mas o campo de visão talvez não precise ou não deva ser uma metodologia neste trabalho. Isso também acontece na formação da imagem do mar de caixotes, quando Ana movimenta os caixotes em relação direta do tato com as parceiras de cena dos dois lados, o que forma uma imagem mais fluida do movimento do mar do que a outra metade do coro, que não se encosta para tal. Não pode ser que a inclusão também seja captar especificidades da pessoa com deficiência e fazer o mundo em volta dela se

FERMENTAÇÃO NATURAL

alterar e se misturar em direção a ela, em vez de só o contrário? Que ricas singularidades mais poderíamos ver como consequências da contaminação da inegável presença de Ana nesse espetáculo?

Esperamos que nossos questiona-apontamentos lhes encontrem bem — ou que pelo menos lhes encontrem —,

com carinho,

Sete Verbos Para Manter Corpo Viva.

CHARGES



GABRIEL



TADEU RENATO



CARTA ABERTA A QUEM CONVERSEI OU ME SENTI VISTA

POR YMOIRÁ MICALL

apreciadora crítica do 30º FETESP

Seguindo a metodologia VQV de mesa de conversa, gostaria de iniciar dizendo o que eu vi: gente feliz, comida boa, a cidade em movimento, novos amigos, calor de dia y frio à noite, um novo festival de teatro — esse criado por alunos — um sino. Se eu

fosse dizer o que senti, diria: alegria, dúvida, desejo, sono, interesse, calor, frio, compaixão. Sobre o que eu entendi, eu diria: “é importante criar memórias”. Hoje retorno para São Paulo y me despeço da minha primeira edição no 30º FETESP em Tatuí. De todas as imagens que tenho na minha cabeça, as mais incríveis são aquelas em que eu quase me sinto em casa, como se eu já tivesse vivido uma vida inteira perto de pessoas tão memoráveis.

Eu falhei, achei que poderia escrever uma apreciação crítica de uma forma mais robusta sobre toda a minha experiência no festival, mas cá estou eu, sentada no banco da rodoviária, redigindo pelo celular essa carta aberta às todas com quem conversei ou me senti vista. Não serei categórica, y dessa vez quero escrever para quem consegue me ler, por inteira, sem filtros.

Quero começar pelo fim, o baile de ‘mascarades’ com todo tipo de gente estranha, nessa festa graciosamente esquisita. Me encontro y me perco. Em certo momento da noite, uma mestra de cerimônia diabólica organiza uma competição de melhor máscara. Ao final das eliminatórias, duas competidoras travam um empate, o prêmio só pode ser de uma. Os fanáticos, divididos em dois times, gritam desesperadamente o nome de uma y o nome da outra, não entendemos nada. Os nomes se cruzam, a euforia só aumenta, como se a vida dependesse de fazer uma das titãs mascaradas a melhor da noite. Não será desta vez que nos veremos degradar umas às outras. Eis o veredito. Por unanimidade y comoção geral, as duas participantes ganham y levam o prêmio meio a meio. Elas se encontram num abraço. O amor venceu!

Gostaria de me aprofundar um pouco sobre isso, pois primeiro, é a imagem que está viva na minha cabeça, y depois porque em toda a semana de Festival pudemos identificar em quase todos os trabalhos a temática do amor y suas instâncias. Amar não precisa ser difícil, mas sim uma prática sólida, regada a bons copinhos de café y papo bom sobre aquela peça em que um homem é engolido por um peixe, ou aquela peça que tem cata-ventos de tetas, ou aquela peça que fazíamos um tour pela cidade de São Paulo, ou aquela peça que tinha aquela música do Cazuzza, ou até aquela peça em que Galileu era a chave que destrancava a história. Às vezes a gente não sabe que sente alívio do peso da ignorância, pois o conhecimento muitas vezes vem carregado de desconforto. Nessa hora, o importante é parar, respirar y observar, tal qual duas Cassandras organizando os ruídos de fora para escutar o que pulsa dentro.

Me sento em minha poltrona de número dezenove, na cor azul, vejo a cidade ficando para trás no caminho de volta. Uma neblina densa separa o meu rosto de quase choro de um sol que timidamente vai invadindo as janelas do ônibus. Quero retornar em breve, quero gritar “Merda” todas as vezes depois da vinheta do Festival, quero cada vez mais viver essa experiência de acordar y passar quase 12h fora do quarto de hotel, conversando ou vendo teatro. Quem vai assistir à Manduka hoje? Se tem pandeiro, tem violão, pronto. Está armada mais uma famigerada Roda de atores, depois junta mais, mais um, mais um y mais um. Eu agradeceria se voltar à vida comum fosse como viver dentro de um festival de teatro: com certeza eu teria motivos para rir 24h por dia.

Voltando à imagem do abraço, das duas mascaradas que não eram amigas de longa data, mas que fincaram pacto da mais pura integridade naquele instante, o amor não tinha passagem de volta, confessou sua insuficiência y permitiu que nos encontrasse madrugada adentro, numa deliciosa onda de prazer pela companhia de nossas existências. Nem todo humano é parecido com bicho, a realidade é crua, pois os que possuem espírito de porco não tiveram destaque ou espaço para encarar nossa dança de enfrentamento y beleza. Também se encontra o amor dentro de uma guerra.

Um salve a todos os erês que fizeram a alegria desse festival, tão talentosas com seus micro-cérebros fantásticos, suas ideias cabulosas y potentes. Um salve a todos os professores que, como um batalhão de guerreiros corajosos, bancaram a experiência sem perder o brilho. É festa de família, mas não daquela família conservadora, reacionária, formada por irresponsáveis Progenitores, mas sim, as famílias formadas por intelectuais da vida, crianças y adultos que olham para o teatro enquanto o teatro lhes olha de volta y resgata sua sutileza.

Agora já estou em São Paulo, demorei a escrever, pois gostaria da velocidade da caminhada para engajar algumas palavras. O FETESP me incentivou a escrever todo dia, agora quero redigir cartas para cada pessoa que me amou de verdade. Eu cheguei ao meu destino, tal qual Annie chegou no seu depois de enfrentar labirintos. Mas, assim como ela, agora eu gozo de uma conquista que não tem preço: a minha própria felicidade de ser eu mesma com tanta gente que me admira y me respeita. Não há maneira de estar triste. A felicidade me agarra outra vez enquanto escrevo.

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

Aqui me despeço terminando com estilo, deixo meu grande obrigado a todas aquelas pessoas que souberam dar carinho a uma travesti sonhadora. É preciso amar com força, mesmo que, na prática, esse amor nos revele a dificuldade de nos manter inteiras. É tempo de festa, é sempre tempo de reverenciar o amor. Até breve, Tatuí.



MULTIDÃO-ARTE OU DE ZERO A CEM E MAIS UM POUCO ALÉM

POR JHONNY FURLANETTO

estudante do curso de Artes Cênicas
do Conservatório de Tatuí e bolsista de
produção no 30º FETESP.

É avassalador! Intenso! Complexo! Vai de zero a 1000 em uma piscada! E vai de 1000 à nada cruelmente! Em um dia não tem ninguém, é aquele marasmo de sempre, o vento levando a bolinha de sujeira, férias

das aulas, não vendo ninguém! E aí chegam sabe-se lá quantas pessoas que te colocam numa rotina incessante, inquieta, exposta a todas elas, em relação com todas elas, trocando energia com todas elas, e vai manhã e vai tarde, às vezes duas vezes, e vai noite e pós-noite, todo dia, todo dia vendo, interagindo, querendo e se diluindo na multidão-arte, e fica assim por dias, acordar cedo, chegar de sorriso presente, entregar acolhimento e humanidade até o dia seguinte, na volta do pós-noite — que apesar de todo o cansaço do trabalho, a gente ia e vai continuar indo sim — já impossível de arrancar-se da multidão-arte, já ansiando por ser corpos viva, juntxs. Vai se criando uma rotina, todo dia, o preparo e o querer psicológico: vamos chegar e galarê estará lá! O que vamos viver hoje? Quem vamos encontrar pelo caminho? Vai almoçar onde? Vamos também! Bom dia, Comunidade!

Sem aviso, só vindo, desenfreadamente, a realidade vira fumaça, se dissipa, de mil a nada, cruelmente. Já não tem almoço, conversa, partilha, risada, abraço, troca, caminhada, coletividade, corpos viva, multidão-arte. A prova de que tudo isso foi real está nos cartazes já vividos, alguns até meio caídos, na bolinha de sujeira que o vento leva agora, cheia de brilho, do eco da vida que aconteceu, dissipando muito mais rápido do que gostaríamos na atmosfera, está em nós e somos nós que voltamos, ou melhor, seguimos, em direção à nossas habitações, nossos interiores e capitais, nossos caminhos, nossas trajetórias, suelando nossos reencontros, nossa vida, NOSSA arte!

De mil a nada muito rápido! Poderia ser gradual para não deixar tudo que nos transbordou envolto pelo vazio da ausência. Agora é esperar que até essa se dissipe, pois vai romper sim, da terra, da territoria-

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

lidade que somos, como botão de flor, como árvore de existência resiliente, que já rompe o solo inteira, tronco e galhos, raízes velozes, firme, forte, como um regato, esta palavra que não tenho no vocabulário, mas como uma tentativa de auxiliar no entendimento, escolho dizer nosso axé!

E assim, depois de tudo que vi, depois de tudo que senti, entendo que (vou deixar um espaço pra vocês escreverem ou a gente pode conversar mais no almoço, depois me fala onde que você vai que a gente se encontra lá).



110, 115 E 117

POR BIBI, NATHAN E SASSÁ

bolsistas de produção no 30º FETESP

Como alguém disse lá atrás, em 1970 e tantos, e com quem também concordamos, Tatuí é, sim, acima de tudo, a cidade do teatro.

Do teatro de quem acabou de chegar, de quem já o faz há algum tempo, de quem está calejado de tanto fazê-lo.

Que daqui a 30 anos a gente, e outros mais, suba neste palco e encontre por aqui pessoas que estiveram nos espaços que percorremos nesses sete dias (que, pra nós, foram quinze e pareceram trinta).

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

A gente vem procurando, navegando, interessado em produzir arte. Fazer teatro. Não só no palco, enfim, mas atrás dele também.

Não foi uma travessia fácil. Sempre dói alguma coisa. A gente esquece o cartão em casa, deixa amores em outras cidades, a bateria do celular acaba, não fala direito com a mãe há dias, meses, talvez anos.

A gente é rápido, muito rápido. Ágil. De outros lugares até Tatuí.

Pega o ônibus na rodoviária. São milhas, quilômetros até chegar aqui.

E anda até o teatro. Em quinze minutos, chega.

Manifestou-se no corpo a coragem pra viver.

Banho de ervas. Recebemos um patuá.

Cheiro de alecrim incensado e lavanda oleoso na pele, que se mistura com o suor de correr de lá pra cá, do centro ao teatro, à escola, à sala 9.

E então, num misto de poesia e choque, a gente sai do teatro.

Vai pra calçada, toma um tempo, some, reorganiza os pensamentos.

Fuma.

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

Conversa.

Olha o céu.

Vê os pássaros migrando e pensa em nós.

A gente também estava migrando por um inverno.
Num lugar novo e quente, como o fogo de querer criar.

E logo voltaria pra casa.

Não, pro alojamento. Alojás.

E, nessa viagem interdimensional, em um vórtex de arte, cultura, política, o pensar corre como correremos para o ônibus, pensando na chegada nesse lar intenso e imerso.

Conheço pessoas que estão em batalha e em dança, assim como eu.

Artista. Soco na barriga. Sem ar. Elegância no caos. Sublime. Fazer na cidade o que é fazer no palco.

Se (e me) teletransportar por um curto - minúsculo - período.

Efêmero. Eterno.

Essas palavras importantes.

Parece que estamos aqui há meses, e a gente achava que tinha sido hoje o que falou dois dias atrás.

Estamos no final. E chegamos ontem.

Eu achei muito
legal e cansava
um pouco

Leandra



POR VISÕES DO CÁLICE DO TEMPO

POR GIOVANNA EÇA

estudante do curso de Artes Cênicas do
Conservatório de Tatuí.

já não sou mais a mesma

porque ser não é uma escolha

podem até ser palavras de água

mas isso não é brincadeira

AINDA REVERBERA

ter a decência de sumir

ou de não aparecer

uma presença ausente

temos que ser capazes

de ver além dos abismos

e saber que é mais fácil morrer que amar



CRÍTICA POÉTICA: ME DÁ TERRA PRA CARPIR?

POR ABESSA RAMOS

assistente de gerência artística e
pedagógica do setor de artes cênicas do
Conservatório de Tatuí.

Eu que não sou daqui

Muito menos de lá

Quero uma terra pra carpir...

AINDA REVERBERA

Nessa terra que não é minha, nem sua

Mesmo antes de eu nascer,

já tinha gente querendo carpir

Querendo comer

Querendo morrer ... (1 minuto de silêncio contados em um relógio muito atrasado)

Qual o valor de uma jazida ?

Onde se mora, morre?

Eu quero viver!!

Mas não deixo de pensar na morte

Sabe, eu financiei um apartamento... (respira como se atrasadu)

Mesmo sabendo que não dá para plantar ali.. (respira como se atrasadu)

Mas pensei que seria bonito

Sei lá...

Tentar pelo menos...

(UMA AÇÃO)

Será que eu convenço?

AINDA REVERBERA

- Oi moço!! Bom dia!!
- Vamo fazer uma horta ali?
- Isso moço.
- Ali onde aquele paisagismo não dá nem inspiração poderia ter uma horta!!
- Podemos começar por tubérculos .
- Issssso.
- Tuberculosssss (canta)
- São essas plantas bemmmmm enraizadas, quem não conhece, acha que é feio!!
- Quando crescem são bem encorpadas.
- Gengibre, beterraba, açafreãoooooooooooooooooooo.
- Moço, essa paisagem já tá Uó e a terra moço... A TERRA TÁ FÉRTIL.

Mesmo indo longe, mesmo estando perto

O não pertencimento é uma moeda

que nunca cai para o nosso lado, a grama não é verde aqui, porque falta água.

Que por sua vez é usada para fabricar mais moedas

AINDA REVERBERA

para eles. (entenda eles como quiser)

Não vou barganhar essas moedas

Não quero essa terra, não vou mais carpir nesse lugar

Cavarei um buraco daqui para tão longe

Onde outra terra será forjada

Vou ganhar a vida onde não tem moedas

Onde não sejam as moedas a terra

Quero outro solo pra pisar, um de de barro onde eu possa morrer

Folhado pelas folhas secas

Onde eu possa me tornar

Um jasmim

Uma azaleia

Uma mangueira

Quem sabe um abacateiro

Onde eu possa dar fruto moço

Onde eu possa alimentar os meus.



UM POEMA EM PROSA PARA O ESPETÁCULO POR VISÕES

POR VINÍCIOS PEIXOTO

ex-estudante de teatro do Conservatório de Tatuí.

Esporadicamente é necessário dar um grito — HAA-AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA... EU GRITO NÃO PARA MEUS CACOS DE VIDRO! Onde eu disputo e o que eu ocupo, será mesmo que me preocupa, agora escuto o silêncio em seu beijo bagunçado, que molha meus doces lábios, foi aqui que o encontrei, desde então, o silêncio se tornou um vício, não aguento mais ouvir, preciso sentir, ele exige um esforço para ouvi-lo...



SOBRE O ESPETÁCULO O AMOR NA PRÁTICA É SEMPRE AO CONTRÁR

POR SARZI

estudante do curso de Teatro para
Adolescentes do Conservatório de Tatuí.

O teatro tem muitas vertentes, e agora numa era de peças com elementos totalmente anticonvencionais me esqueço que o lúdico é incrível.

AINDA REVERBERA

Falar sobre amor não é fácil, ainda mais se for amor adolescente.

Nessa peça vi de um jeito lúdico, triste e fofo, muitas formas de amor.

Vi que até mesmo pessoas que já passaram pela adolescência há muitos anos se sentiram acolhidas.

Me senti vendo uma grande fofoca.

As músicas, a escolha de cores e um coro de mais de 5 pessoas poderem ser apenas um personagem é incrível.

Tudo muito colorido, não tenho nada a dizer de críticas negativas à essa peça. Foi uma vivência única e me fez lembrar de que um teatro "Romeu e Julieta" pode ser uma das melhores peças que já pude ter visto.

Uma inspiração muito grande como uma estudante de teatro (do Conservatório), tudo nessa peça me inspirou a escrever, fazer e reescrever.

Foi gratificante, parabéns a todos.



O SILÊNCIO COMO FORMA DE ESCUTA: SOBRE O ESPETÁCULO POR VISÕES, DA CIA. PASSO A 2 DE TEATRO

POR GABRIELA MOREIRA

estudante do curso de Teatro para
Adolescentes do Conservatório de Tatuí.

O espetáculo imersivo propõe ao espectador uma série de experimentos realizados pelas duas atrizes em cena, que nos conduzem à reflexão de um

tema central: o silêncio.

Somos apresentados, inicialmente, a um lugar — uma sala, o local de fala — que, descrito como um espaço físico, é onde se desenvolverá o espetáculo. O primeiro experimento comprova um aspecto da natureza do som: vazar. O som vaza e, portanto, ao preencher por completo o local de fala, sem o silêncio criador de espaços e gerado pela escuta, este último pode chegar a transbordar. Quando o local de fala transborda — quando não há silêncio ou escuta — esse transbordamento se desdobra em guerra.

O silêncio não existe por si só; ele deve ser criado e, portanto, sua existência está ameaçada. A humanidade não aceita o silêncio — ficar em silêncio nos incomoda. Porém, quando não há silêncio, também não há escuta, nem mesmo amor, que se torna então escasso, abrindo portas para conflitos.

O espetáculo propõe ainda outra reflexão: a crença em um fato a partir da escuta. “Se ninguém ouve uma árvore cair na floresta, a queda não é real?” Seria a falta de escuta capaz de anular a veracidade de algo? “Quantos gritos não existiram por não terem sido ouvidos?” O silêncio torna-se, então, necessário para que haja escuta e, conseqüentemente, o reconhecimento da existência e da experiência alheia.

Em suma, o trabalho propõe o silêncio como uma forma ativa de escuta, capaz de conter o transbordamento do local de fala. Nesse sentido, o silêncio não é ausência, mas presença atenta. Ele se torna uma ferramenta para evitar conflitos, promover o entendimento e cultivar o amor.



MAIS UM FETESP DE MUITOS

POR TIAGO AGUIAR

estudante do curso de Teatro para
Adolescentes do Conservatório de Tatuí.

Um final foi dado à 30ª edição do FETESP, e não poderia haver algo melhor do que o Cabaret dos Bichos para encerrar a semana mais do que mágica

do FETESP. O musical foi absolutamente lindo de se assistir. Carrega um enredo um tanto quanto cômico, entretanto, apresenta uma crítica extremamente necessária.

É maravilhoso ver a produtividade do curso de especialização em Teatro Musical, que foi adicionado este ano ao conservatório. Além disso, foi evidente a comoção do público, e minha é claro, como um admirador de teatro musical; é ótimo ver essa cultura presente em uma cidade do interior.

As músicas são excelentes, e eu não consigo imaginar uma escolha melhor do que o roteiro escolhido.

Foi sim uma despedida, mas para um novo ciclo que virá no próximo ano. Vida longa ao FETESP e ao conservatório de Tatuí! E que hajam muitos outros FETESPs



SOBRE O FETESP, SOBRE APRENDER, SOBRE TEATRO

POR OLÍVIA MAKOWSKI

integrante do Núcleo Atuará

Tenho 16 anos e participei do 29º e do 30º FETESP com meu grupo. Quando fui selecionada para o 29º FETESP, eu ainda não conhecia o festival. Achei que iria apenas me apresentar, ter hotel e comida de graça, e só isso.

Saí do festival mais do que surpreendida. Saí daquela edição sentindo que todos os dias em que estive lá (assistindo a peças, fazendo aulas, trocando conversas, participando de bate-papos e recebendo comentários) me formaram como artista de uma maneira que nenhum curso que fiz até hoje conseguiu.

Este ano, entendi que cada edição do festival é única, assim como os aprendizados. As experiências que tive no 29º e no 30º FETESP foram igualmente grandiosas, mas distintas. E é isso que torna o festival tão importante. Depois de vivenciar tudo isso, não faz mais sentido para mim ficar um ano sequer sem participar do FETESP (seja como atriz, seja como espectadora). Sinto que preciso do festival, porque, em ambas as vezes, ele potencializou minha paixão pelo fazer teatral.

O FETESP é uma das grandes motivações para que eu e meu grupo continuemos produzindo e acreditando no poder do teatro estudantil. E vai além: as melhorias que tivemos e ainda buscamos como grupo se devem, em grande parte, às conversas, reflexões e experiências tão enriquecedoras proporcionadas pelo festival.

Muito obrigada a todos que fazem esse festival maravilhoso acontecer. Muito do que tenho de mais precioso como artista (e como pessoa) devo a ele.

Vida longa ao FETESP!



BASTIDORES

POR CAMILA FONTENELE





EXPEDIENTE

Editores

João Fabbro
Tadeu Renato

Coordenador Editorial

Antonio Salvador

Produção Editorial

João Fabbro

Colaboradores Convidados

Marcus Groza
Lucaz Eusébio

Colaboradores Bolsistas

Ana Machado
Ymoirá Micall

Colaboradores

Abessa Ramos
Ana Machado
Bibi
Gabriel Barbosa
Gabriela Moreira
Giovana Eça
Jhonny Furlanetto
João Fabbro.
Maria Luíza Queiroz Freire
Nathan
Olívia Makovski
Sarzi
Sassá
Tadeu Renato
Tiago Aguiar
Vinícios Peixoto

Coletivos que Integram a Edição

Grupo Sala 9
Grupo Sete Verbos
Cia Fresquinha
Coletivo Bando 18

Revisão de Textos

João Fabbro
Roberto Anzai
Tadeu Renato

Arte Design

Lívia da Silva

Assistente Arte Design

Renata Corrêa

Fotografia

Camila Fontenele
João Maria

Coordenador de Comunicação do 30º FETESP

Maurício Coronado

O jornal BULI - publicação do FETESP - Festival Estudantil de Teatro do Estado de São Paulo, do Conservatório de Tatuí, é construído por muitas vozes e olhares, mas sempre prezando pela singularidade de estilos e reflexões das autorias individuais ou coletivas que assinam cada matéria. Dessa forma, os textos aqui publicados não expressam, necessariamente, a opinião do Conservatório de Tatuí - instituição da Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo e de sua gestora, a Sustentados Organização Social de Cultura.



patrocínio



Zanchetta

cipatex®



MARQUESPAN
ALIMENTOS



parceria



Secretaria de
Esporte, Cultura,
Turismo e Lazer

realização

#SUSTENIDOS

tatuí conservatório
de música e teatro

CULTSP

Secretaria da
Cultura, Economia e Indústria Criativas



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO 1000%

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO